

O LIVRO-REPORTAGEM COMO MEIO DE HUMANIZAÇÃO DO FATO: estudo de caso da obra "Todo dia a mesma noite", da jornalista Daniela Arbex

Kathleen Souza Teixeira (IC) e Patrícia Sheila Monteiro Paixão Marcos (Orientadora)

Apoio: PIBIC Mackenzie

RESUMO

O presente artigo discute o potencial da mídia livro-reportagem para o emprego da humanização no relato jornalístico e a importância do chamado "jornalismo humanizado", tendo como objeto de análise a obra "Todo dia a mesma noite – a história não contada da boate Kiss", publicada pela jornalista Daniela Arbex, em 2018. Fazendo uso da pesquisa bibliográfica, com a consulta a livros que debatem as características da peça jornalística livro-reportagem (como o aprofundamento e o emprego de técnicas literárias); o "jornalismo humanizado" e abordagens jornalísticas mais sensíveis e empáticas (que fogem de um conceito superficial de objetividade jornalística), o artigo, a partir de uma abordagem qualitativa, analisa diversos trechos da obra de Daniela, pontuando como esses aspectos mencionados conseguem ser contemplados. Para isso, autores como Edvaldo Pereira Lima, Jorge Kanehide Ijuim, Perseu Abramo e Cremilda Medina aparecem como nortes teóricos da pesquisa. O artigo também faz uso da pesquisa documental, apoiando-se em algumas reportagens que versam sobre a tragédia na Kiss e sobre o livro de Daniela Arbex. O estudo mostra como o jornalismo humanizado, marcado, dentre outras coisas, por características como aprofundamento e a valorização da identidade e das histórias das personagens envolvidas no fato, é um recurso importante para fazer o leitor se conectar com o acontecimento retratado, dando importância a ele, em especial no mundo contemporâneo em que o público recebe uma multiplicidade grande de informações fragmentadas pelas mais diferentes plataformas e, muitas vezes, sente dificuldade de tomar a decisão sobre em qual dessas informações deve centrar sua atenção.

Palavras-chave: Livro-reportagem. Humanização. "Todo dia a mesma noite".

ABSTRACT

This article discusses the potential of the book-reporting medium for the use of humanization in journalistic reporting and the importance of so-called "humanized journalism", using as an object of analysis the work "Every day the same night - the untold story of the Kiss nightclub", published by journalist Daniela Arbex in 2018. Making use of bibliographical research, consulting books that discuss the characteristics of the journalistic piece book-reportage (such as in-depth study and the use of literary techniques); "humanized journalism" and more sensitive and empathetic journalistic approaches (which move away from a superficial concept of journalistic objectivity), the article, based on a qualitative approach, analyzes various excerpts from Daniela's work, pointing out how these aspects can be contemplated. To this end, authors such as Edvaldo Pereira Lima, Jorge Kanehide Ijuim, Perseu Abramo and Cremilda Medina serve as theoretical guidelines for the research. The article also makes use of documentary research, based on some reports on the Kiss tragedy and Daniela Arbex's book. The study shows how humanized journalism, marked, among other things, by characteristics such as depth and valuing the identity and stories of the characters involved in the event, is an important resource for making the reader connect with the event portrayed, giving it importance, especially in the contemporary world in which the public receives a great deal of fragmented information on the most different platforms and often finds it difficult to decide which of these pieces of information they should focus their attention on.

Keywords: Book report. Humanization. "Every day the same night".

1. INTRODUÇÃO

Quando as informações envolvidas em uma tragédia, publicadas de maneira superficial em um gênero jornalístico efêmero como a notícia, não são suficientes para sensibilizar o público, o livro-reportagem aparece como meio ideal para aprofundamento e humanização do fato, levando o leitor a conhecer o acontecimento com todas as suas nuances e lados e, especialmente, as histórias de vida que estão por trás dele.

Isso aconteceu, por exemplo, quando o jornalista norte-americano John Hersey publicou o livro-reportagem Hiroshima (que nasceu antes como uma grande reportagem na revista *The New Yorker*, em 31 de agosto de 1946). A obra, que reconstitui o fatídico lançamento da bomba atômica pelo exército norte-americano em 6 agosto de 1945, na cidade japonesa de Hiroshima, e suas consequências, conseguiu sensibilizar pessoas em diferentes países ao mostrar que, por trás do conflito entre EUA e Japão, milhares de inocentes foram atingidos. O livro mostrou como era a vida, antes e depois, de seis personagens perfilados por Hersey, que foram sobreviventes da bomba atômica. Contribuiu para que autoridades mundiais se mobilizassem para impedir que uma nova tragédia como aquela pudesse acontecer.

Como destaca Edvaldo Pereira Lima (2009, p. 21), o livro-reportagem é uma mídia de profundidade, impressa e aperiódica, que permite ao jornalista apresentar reportagens em grau de amplitude maior que o jornalismo *hard news*, aquele que cobre os acontecimentos do dia e que trabalha, em sua maioria, com o gênero notícia, o qual tem o intuito de informar rapidamente os fatos. “É na expectativa de encontrar a explicação que o jornal não deu ou de ser informado das ações de bastidores, subjacentes à ocorrência relatada, que o leitor pode motivar-se a um aprofundamento (...) que o livro propõe.” (LIMA, 2009, p. 39).

O livro-reportagem consegue sensibilizar o leitor para o fato narrado não só por tratá-lo de forma aprofundada, mas por ser uma mídia aberta ao estilo de escrever do jornalista, que pode aplicar o chamado jornalismo narrativo ou literário, com opções estéticas mais sedutoras, trabalhando, por exemplo, com descrição de cenas e diálogos entre as pessoas envolvidas no fato.

Como parte desse estilo mais livre de escrita, que vai além das amarras do lead, ou seja, não se limita a responder mecanicamente às perguntas o quê, quem, quando, onde e por quê, pode-se citar o movimento do chamado “novo jornalismo”, que surgiu nos Estados Unidos, na década de 60. Uma das publicações que popularizaram esse novo estilo de escrita jornalística foi a já citada revista *The New Yorker*, que em 1956 publicou o perfil do ator Marlon Brando, intitulado “O duque em seus domínios”, escrito pelo jornalista Truman Capote.

Vale ressaltar que mais do que a estrutura narrativa, a principal diferença entre o novo jornalismo e o jornalismo tradicional está na apuração. Por exemplo, para escrever o livro-

reportagem "A Sangue Frio", publicado em 1966, que relata o assassinato de uma família em Holcomb, no Kansas, Capote pesquisou durante cinco anos, o que resultou em mais de oito mil páginas de anotações, chegando a entrevistar os próprios assassinos. O livro explicou e contou a ideia original do crime até a condenação e execução dos assassinos.

Portanto, para fazer um livro reportagem é preciso uma reconstituição rigorosa do fato, revelando ao leitor como foi a evolução do acontecimento ao longo do tempo e como a trama foi desenvolvida do seu início até alcançar o ápice. Explora-se também a reconstituição de ambientes e de descrições dos personagens.

Por combinar elementos do jornalismo e da literatura para contar histórias reais de forma aprofundada e envolvente, o livro-reportagem é uma mídia que possibilita o chamado jornalismo humanizado. Jorge Kanehide Ijuim, doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP) e que se dedicou por mais de dez anos ao estudo do jornalismo humanizado e das narrativas poéticas, define esse jornalismo como aquele que oferece uma abordagem que busca trazer mais sensibilidade ao fato, trabalhando a empatia e a conexão emocional do público com as pessoas envolvidas. A humanização reconhece a importância das histórias individuais, das experiências humanas e do impacto emocional dos eventos (IJUIM, 2017).

Em 27 de janeiro de 2013 um incêndio ocorrido em uma boate chamada Kiss, na cidade gaúcha de Santa Maria, tirou a vida de 242 jovens e deixou 636 feridos. Durante mais de cinco anos, as histórias dos que se foram e dos pais, amigos e familiares dos mortos, além das dos sobreviventes, ficaram invisibilizadas em diversas notícias que se limitaram à frieza dos números, a declarações entre aspas, colhidas de forma rápida e, algumas vezes, sensacionalista, e a dados pontuais sobre o andamento do caso na Justiça.

Em 17 de janeiro de 2018 a jornalista Daniela Arbex, premiada repórter que atuou durante muitos anos no jornal Tribuna de Minas e que já havia escrito obras emblemáticas envolvendo tragédias do nosso país, como "Holocausto Brasileiro"¹, eleito em 2013 melhor livro-reportagem do ano pela Associação Paulista de Críticos de Arte e segundo melhor livro-reportagem no Prêmio Jabuti de 2014, apresentou ao público o livro "Todo dia a mesma noite – a história não contada da Boate Kiss"².

Mostrando os diferentes ângulos e a complexidade do acontecimento, a obra, produzida com técnicas literárias mostra quem eram os jovens mortos, seus sonhos, seus planos, seus amores e como seus pais e familiares ficaram após o ocorrido. O título do livro

¹O livro "Holocausto Brasileiro", lançado em 2013, denuncia o esquema de maus-tratos, comparável a um campo de concentração nazista, ocorrido no Hospital Colônia de Barbacena, em Minas Gerais, que foi o maior hospício do Brasil.

²No dia 25 de janeiro de 2023, o serviço de streaming Netflix lançou a série "Todo Dia a Mesma Noite", baseada no livro de Daniela.

faz referência ao sentimento de perda e luto que acompanha diariamente os sobreviventes e familiares.

Tendo esta obra como objeto de análise e todo o contexto anteriormente explicitado, este artigo procurou responder à seguinte pergunta-problema: como, por intermédio das possibilidades oferecidas pela mídia livro-reportagem, a jornalista Daniela Arbex consegue humanizar o relato sobre a tragédia da Boate Kiss, sensibilizando o leitor?

O objetivo foi, a partir da análise de alguns trechos selecionados do livro, detectar como o jornalismo humanizado se concretiza, fazendo com que o público se coloque no lugar de familiares e amigos das vítimas da Kiss e, em última instância, possa compreender e apoiar a luta dessas pessoas que hoje pressionam a Justiça para ver os donos da boate e os demais envolvidos na causa da tragédia serem, de fato, condenados³.

Para isso, esse artigo fez uso da pesquisa bibliográfica, com consulta a livros e textos acadêmicos que falam sobre a mídia livro-reportagem, sobre as técnicas literárias empregadas no jornalismo como forma de deixar o texto mais envolvente para o leitor, sobre jornalismo humanizado e sobre o debate acerca da objetividade e subjetividade no jornalismo. Também foi utilizada a pesquisa documental, com consulta a algumas reportagens que versam sobre a tragédia na Kiss e o livro de Daniela Arbex.

A metodologia empregada foi a qualitativa, proposta por Maria Cecília de Souza Minayo.

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 2002, p. 21).

Portanto, a pesquisa qualitativa possibilita fazer interpretações e associações como as de cruzar os pensamentos dos autores das bibliografias trabalhadas com os objetivos deste artigo, que é analisar a humanização no livro-reportagem selecionado.

Discutir uma forma mais aprofundada e envolvente de fazer jornalismo é essencial em um tempo que o público é bombardeado de informações e nem sempre se dá conta de que, por trás de números que lhes chegam pelas mais diversas mídias, estão histórias de vidas com dramas que, para além de necessitarem ser visibilizados, refletem problemáticas seculares do nosso país, por exemplo a questão da impunidade, como vemos no caso da

³ No dia 27 de janeiro de 2023 a tragédia completou 10 anos. A idade média das vítimas do incêndio (mortas, em sua maioria, por asfixia devido a gases tóxicos liberados pela queima do revestimento de espuma colocado de forma irregular na boate - o revestimento pegou fogo por conta das chamas de um artefato pirotécnico acendido no show da banda Gurizada Fandangueira) foi de apenas 23 anos. Em 2021 os donos da boate, um músico e um assistente de palco foram condenados por júri popular a penas entre 18 e 22 anos de prisão. No entanto, essa decisão foi anulada sete meses depois por dois desembargadores, que alegaram "erros processuais". O Ministério Público recorreu da anulação no Superior Tribunal de Justiça e no Supremo Tribunal Federal, mas um novo julgamento ainda não foi marcado.

Boate Kiss. Questões como esta atingem a todos e, em um exercício de empatia que o jornalismo humanizado é capaz de proporcionar, é mais fácil de o leitor se sensibilizar por essas histórias.

2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

2.1 O debate sobre a objetividade no jornalismo

Em diferentes dicionários o termo “objetividade” aparece como a qualidade do que é justo, daquele que não toma partido; a característica da pessoa direta que não usa de subterfúgios para contar um fato; ou, ainda, a realidade externa que não se assemelha ao sujeito.

A objetividade no jornalismo, princípio presente em diferentes Manuais de Redação da nossa grande imprensa e que chega no jornalismo, em termos mundiais, no século XIX, com influência da corrente filosófica positivista (JAPIASSU e MARCONDES, 1996), é muitas vezes apresentada como a ação de o repórter contar racionalmente e fielmente um fato tal como ele, sem deixar que sua visão de mundo e suas crenças (sua subjetividade) contaminem esse relato.

O Manual de Redação do jornal Folha de S.Paulo (2018, p. 117) destaca que “embora a objetividade descritiva seja inalcançável, procedimentos de apuração e redação ampliam o distanciamento crítico dos jornalistas e tornam suas apurações tão exatas quanto possível”.

A ideia do jornalista que se distancia e narra com neutralidade o fato (postura que é defendida como adequada) aparece inversamente à imagem do repórter que imerge no mundo do entrevistado e conta a história de forma sensível, com suas impressões.

É certo que o jornalista não deve deixar seu ponto de vista e seus valores deturparem a narrativa da realidade, escolhendo para contar apenas os pontos da história que combinam com seu olhar. Mas será que respeitar a objetividade, princípio tido como importante no jornalismo para manter a fidelidade dos fatos, significa ter uma atitude de meramente reproduzir o que se vê, sem pensar nas entrelinhas, no que está por trás do que se vê?

Alguns pesquisadores e teóricos do nosso jornalismo defendem que não. Para Perseu Abramo, por exemplo, a objetividade mais do que ser uma teoria deontológica ou ontológica (ou seja, ligada à moral), é uma categoria epistemológica, ou seja, uma teoria do conhecimento que tem a ver com a relação que se estabelece entre o sujeito observador e o objeto observável (a realidade externa ao sujeito) no momento do conhecimento. Ser objetivo, de acordo com o pensamento desse autor, é, além de buscar se aproximar ao máximo da realidade (deixando conceitos prévios de lado), sair das aparências, ou seja, ir além do que os olhos estão enxergando. Só assim o jornalista consegue perceber a complexidade de uma

situação, as razões que estão por trás de determinado fato, ou seja, atinge a essência da realidade.

“(…) o conhecimento da realidade é tanto mais objetivo quanto mais o sujeito observador não se prende às aparências, procura envolver totalmente o objeto da observação, busca seus vínculos com o todo ao qual pertence, bem como as interconexões internas dos elementos que o compõem, investiga os momentos antecedentes e consequentes no processo do qual o objeto faz parte, reexamina o objeto sob vários ângulos e várias perspectivas. Se o sujeito observador faz isso, tem grandes probabilidades de conhecer, com o máximo de objetividade possível, o objeto real em que está interessado. Se não faz, gradativamente cede terreno à subjetividade.” (ABRAMO, 2004, p.40).

Já a professora da Universidade de São Paulo Cremilda Medina vai além. Crítica da herança positivista no jornalismo, ela não enxerga no exercício da reportagem uma relação sujeito-objeto e sim sujeito-sujeito. Nesse sentido, defende a possibilidade de um “diálogo de afetos” entre duas pessoas, um “diálogo possível” entre o repórter e o entrevistado, sem que a verdade do acontecimento seja afetada; pelo contrário, é nessa aproximação que, segundo a autora, o jornalismo pode chegar mais perto possível da verdade. (MEDINA, 1986). E nesse ponto, vemos uma sintonia de seu pensamento com o de Abramo (apesar de o autor falar de uma relação sujeito-objeto), qual seja a ideia de que, para atingir a essência de um acontecimento, é preciso que o repórter vá além das aparências dele, ou seja, não se atenha apenas a descrevê-lo de forma fria, limitando-se ao que vê, e sim tente mergulhar no fato e na vida da pessoa envolvida nele, investigando com sensibilidade o âmago do acontecimento e procurando entender a posição e as dores daquele que está sendo entrevistado.

Para Medina, a humanização no jornalismo se dá exatamente no diálogo próximo e empático entre jornalista e fonte, que não só é possível como desejável, “quando ambos (...) entrevistado e entrevistador – saem ‘alterados’ do encontro” (MEDINA, 1986, p.7). Portanto, a emoção não desqualifica a narrativa jornalística, na concepção da autora. Pelo contrário, faz essa narrativa se aproximar muito mais da essência do acontecimento.

2.2 Conceito de “jornalismo humanizado”

Além de Medina, Jorge Kanehide Ijuim, doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP), é outro defensor da humanização no jornalismo. O pesquisador se dedicou 12 anos ao estudo do jornalismo humanizado e das narrativas poéticas. Para Ijuim (2017), humanizar refere-se a incorporar características humanas a uma determinada situação ou contexto. Além disso, envolve, da parte do repórter, empatia, compaixão, respeito e personalização de diferentes situações, com o objetivo de melhorar a experiência e o bem-estar dos envolvidos na história. Trata-se de uma abordagem que busca

trazer mais sensibilidade no relato do fato e que reconhece a importância das histórias individuais, das experiências humanas. Fazer jornalismo humanizado significa valorizar as vozes das pessoas, dando espaço para suas perspectivas e experiências. Isso pode ser feito por meio de entrevistas detalhadas, com relatos de testemunhas oculares do acontecimento.

Ao compartilhar histórias pessoais, o jornalismo humanizado busca criar uma conexão emocional com os leitores ou espectadores, despertando empatia e compreensão.

Além disso, para Ijuim (2017), a humanização no jornalismo se preocupa em abordar os impactos sociais do fato. Isso inclui considerar o contexto histórico, político e cultural das histórias, bem como as consequências que elas podem ter nas vidas das pessoas envolvidas. Portanto, trata-se de ir além do que meramente se vê, é necessário superar os números e estatísticas, proporcionando uma compreensão mais completa dos eventos e suas implicações na sociedade. Isso contribui para uma conexão mais significativa entre as histórias que os jornalistas contam e o público.

Vladimir Hudec (1980, p. 36-37) destaca que “o jornalismo orienta socialmente o público, formula e exprime as suas diferentes opiniões, atitudes e ações sociais, as suas concepções de mundo” (1980, p.36-37). Portanto, o jornalista tem uma responsabilidade grande em mãos, devendo evitar uma narrativa superficial e fria, que deixe de envolver o leitor, ou seja, um jornalismo que Ijuim considera como “desumanizador” e que pode levar o público a uma visão também desumanizada.

Ijuim (2011) aborda pelo menos três situações em que o jornalismo acaba “desumanizando” o relato: quando caricaturiza o ser humano, quando ignora a complexidade do fenômeno e quando não reconhece o Outro⁴.

Para explicar o que seria a caricaturização e seus efeitos, Ijuim baseia-se no pensamento do professor da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (em Portugal), Boaventura de Souza Santos, para quem a Ciência Moderna adquiriu o status de modelo único, que reduz os fatos sociais às suas dimensões externas, observáveis e mensuráveis.

Esta lógica, ao enfatizar o real e o útil, privilegia a relação sujeito-objeto. No campo social esta objetificação desliza ao enxergar fenômenos também como objetos (coisificação) Esta racionalidade científica, "fundamentada no rigor matemático, quantifica e, ao quantificar, desqualifica; ao objetivar os fenômenos, os objetualiza e os degrada e, ao caracterizar os fenômenos, os caricaturiza. (SANTOS, 2010a, p. 54 apud IJUIM, 2011, online).

Esse equívoco se reproduz no jornalismo ao encarar a maioria dos acontecimentos como "coisas". Ao ignorar o fenômeno social nos acontecimentos esta racionalidade tem levado a imprensa a construir critérios de noticiabilidade que privilegiem o imediato em

⁴O termo outro é escrito com o artigo “o” em caixa alta por Ijuim, para valorizar o personagem do fato, o entrevistado na relação jornalista-personagem.

detrimento da reflexão sobre a complexidade das questões sociais. Postura semelhante tem sido adotada ao abordar pautas relacionadas a minorias raciais, pessoas em situação de rua, indígenas, trabalhadoras do sexo e entre outros, conseqüentemente, levando repórteres e editores a carregarem em seus fazeres vários estereótipos e estigmas que banalizam a vida humana. Assim, estes seres humanos não têm sido representados como pessoas, mas como caricaturas desses fenômenos.

Sobre a importância da complexidade dos fatos, Ijuim faz uso do pensamento do educador Paulo Freire que defende que esse é um compromisso do profissional de jornalismo com a sociedade. Para o Ijuim (2011), firmar o compromisso com o mundo tanto requer humanizar como é a decorrência de um processo humanizador, exigindo, assim, engajamento com a realidade, cumplicidade com o outro - solidariedade. Ao negar esse compromisso e esta solidariedade, o jornalista ignora também a complexidade dos acontecimentos que deve investigar. Desta maneira, acaba oferecendo uma perspectiva restrita, apresentando dados periféricos que não ajudam a dar nexos, a contextualizar o fato original.

No que se refere à necessidade de reconhecer o Outro e comunicar-se com ele, Ijuim destaca a importância de quebrar muros que distanciam o jornalista de grupos sociais que vivem problemáticas distantes da sua e que, por isso, muitas vezes acabam sendo ignorados. E, de novo, apoia-se no pensamento de Boaventura Santos.

Este consiste num sistema de distinções visíveis e invisíveis, sendo que as invisíveis são estabelecidas através de linhas radicais que dividem a realidade social em dois universos distintos. A divisão é tal que o "outro lado da linha" desaparece enquanto a realidade, torna-se inexistente, e é mesmo produzida como inexistente. Inexistência significa não existir sob qualquer forma de ser relevante ou compreensível" (SANTOS, 2009, p. 23 apud IJUIM, 2020, online).

Por conta da maneira como o jornalismo nas mídias do dia a dia costuma ser estruturado, sempre focando no imediato, muitos estereótipos são reforçados e é negada a humanidade a certas pessoas, que têm suas vozes limitadas ou mesmo silenciadas. Em uma de suas pesquisas para a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Ijuim cita a seguinte reportagem, como reflexo dessa situação:

Africano é preso suspeito de tentar estuprar duas estudantes na UFSC

Um africano foi preso em flagrante suspeito de tentar estuprar duas jovens dentro do campus da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em Florianópolis, entre a noite de sexta (21) e a madrugada deste sábado (22). Segundo a polícia, o homem de 28 anos tentou estuprar duas estudantes, de 19 e 22 anos.

O homem de Cabo Verde e as duas garotas estavam em uma festa no campus do bairro da Trindade. De acordo com o setor de segurança da UFSC, minutos depois da primeira tentativa frustrada, o jovem teria atacado outra estudante no bosque da Universidade

A primeira estudante ficou ferida no rosto. Ela também foi à delegacia e denunciou o africano. Na Central de Polícia, o suspeito negou as acusações. "Eu não tentei estuprar nenhuma delas. Como tu ia tentar estuprar uma

pessoa com no mínimo 500 pessoas ali? Como tu ia fazer isso?”, afirmou Claudino Brandão Lopes.

Mesmo negando, diante do relato das vítimas, o suspeito foi autuado em flagrante por estupro, já que pela lei não é necessário que o ato sexual seja consumado para caracterizar o crime. A situação do africano ficou ainda pior, já que ele está ilegal no Brasil por causa de documentação vencida. Ele foi encaminhado para o presídio da Capital. De acordo com o agente de segurança da UFSC, crimes são comuns durante as festas que acontecem durante a madrugada no campus (G1, 2014 apud IJUIM, 2017, online - grifos do autor).

Segundo Ijuim, o uso do termo “africano” repetidas vezes acaba por desumanizar o personagem envolvido no fato, resumindo-o à situação de imigrante, reproduzindo um estereótipo que o senso comum costuma ter contra essas pessoas. Além disso, a voz do personagem sobre o qual pesa a suspeita do crime contra as estudantes é pouco destacada. Ao colher o depoimento do estudante, o jornalista transcreve de maneira burocrática uma fala rápida, dando-lhe pouca ênfase. A maior preocupação do profissional, ao que parece, foi evidenciar a condição do personagem como imigrante. Do título à última linha, o texto cita o termo ‘africano’ quatro vezes”. (IJUIM, 2017, online).

2.3 O livro-reportagem e sua potencialidade para a humanização

Tendo a necessidade da humanização no jornalismo reconhecida, existiria uma mídia mais favorável à sua aplicação? Para o professor da Universidade de São Paulo Edvaldo Pereira Lima a resposta é sim. Ele defende que uma das melhores ferramentas para aplicar o jornalismo humanizado é o livro-reportagem, por ser uma mídia que combina elementos do jornalismo e da literatura para contar histórias reais de forma aprofundada e envolvente. Por intermédio desse produto jornalístico, o repórter pode explorar temas complexos, investigar fatos e trazer uma compreensão mais profunda de questões sociais, políticas, culturais ou históricas. Faz algo que as mídias do jornalismo factual (em especial os jornais, radiojornais e telejornais diários) não conseguem muitas vezes atingir, por terem prazos exíguos para o fechamento do conteúdo. Assim, o jornalismo diário

trata de reproduzir a realidade concreta, factual. Seu papel principal é relatar os acontecimentos, de maneira que as pessoas tenham conhecimento do que ocorre nos diversos campos da realidade social e da existência humana, orientando-se assim em relação ao fluxo dinâmico da nossa complexa era. (...) busca, desse modo, acompanhar as diversas esferas da existência contemporânea para construir uma leitura em mosaico daquilo que é atual e - em tese, pelo menos - de interesse público. (LIMA, 1993, p.9).

No livro-reportagem o jornalista tem tempo, espaço (sem limite de páginas) e liberdade em termos de estética de texto e linguagem para retratar o fato e os seres humanos envolvidos nele de forma mais completa, sedutora e empática. Vai além dos fatos e estatísticas, buscando compreender as experiências, as motivações e as emoções das pessoas

envolvidas. O autor-repórter procura retratar os personagens com nuances, apresentando suas motivações, dilemas, alegrias e tristezas. Dessa forma, o livro-reportagem torna-se uma ferramenta poderosa para elevar a voz dos indivíduos, gerar empatia e promover uma compreensão mais profunda da complexidade humana. (LIMA, 2009).

Além disso, a humanização no livro-reportagem pode ser alcançada ao destacar as histórias de pessoas marginalizadas, grupos minoritários ou indivíduos com experiências incomuns. Isso permite que suas vozes sejam ouvidas e suas perspectivas sejam compartilhadas, rompendo estereótipos, como defende Ijuim, e contribuindo para uma visão mais inclusiva e diversa da sociedade. Lima aponta alguns problemas do jornalismo factual, que são superados na mídia livro-reportagem:

A primeira praga é a construção da mensagem por meio de uma fórmula onde tudo é reduzido aos elementos o quê, quem, quando, como, onde. E mais raramente o porquê e para que. A segunda é a legitimação de certas fontes - pessoas, figuras públicas, especialistas, além de documentos procedentes de certas instituições - como as únicas e "verdadeiras" de certos assuntos, chegando a imprensa a ter a comodidade de se repetir ao longo do tempo com as mesmas fontes, sempre que o assunto em voga é a especialidade daqueles que os meios de comunicação elegem como as únicas autoridades do assunto. Essa fórmula fechada faz com que a realidade seja reduzida e simplificada. A fórmula tende a colocar em primeiro plano os aspectos materiais, concretos de um acontecimento. (LIMA, 1993. p. 21).

Ao humanizar as histórias contadas, quando o jornalista-autor emprega técnicas literárias no texto, como descrição física e psicológica dos personagens, reconstituição de cenas e de diálogos (mecanismos bastante vistos no chamado "novo jornalismo" americano e no jornalismo literário brasileiro), o livro-reportagem desperta a empatia do leitor, fazendo-o se colocar na cena do fato e na situação das pessoas envolvidas nele, incentivando-o a refletir sobre as questões sociais e a considerar o impacto dos eventos na vida das pessoas. (LIMA, 2014).

Essa abordagem humanizada promove uma leitura poderosa, capaz de inspirar ações e mudanças.

2.4 O jornalismo humanizado no livro-reportagem "Todo dia a mesma noite"

O incêndio na boate Kiss chamou a atenção de todo o Brasil, pela ampla cobertura midiática que recebeu. Naquele 27 de janeiro de 2013 e nos dias posteriores, não se falava de outra coisa nos principais jornais do país. No entanto, quando se analisa algumas das reportagens publicadas na época, percebe-se como a humanização ficou muitas vezes de escanteio. Pelo contrário, o que se viu, muitas vezes, beirou a desumanização, fato destacado pela própria jornalista Daniela Arbex, ao relatar o momento em que alguns fotógrafos entram, antes dos familiares, com autoridades políticas no ginásio onde se encontravam os corpos das vítimas do incêndio.

(...) os familiares ainda não tinham confirmado a morte das 233 vítimas, e a incerteza tornava mais dramática a espera por notícias. Enquanto milhares de parentes, amigos e curiosos se aglomeravam na entrada do Centro Desportivo Municipal, o ginásio onde os mortos tinham sido colocados continuava fechado para a finalização dos trabalhos de perícia. Foi quando teve início o cumprimento de um protocolo vergonhoso: a entrada dos políticos. Ignorando a dor de todas aquelas pessoas, autoridades e suas comitivas tiveram acesso ao ginásio, liberado antes da entrada dos pais. E nem todos mantiveram uma postura respeitosa diante dos cadáveres. Várias fotos começaram a ser feitas, levando a capitã da brigada Liliane a dar voz de prisão por quatro vezes. (ARBEX, 2018, p 106).

Arbex faz esse apontamento no livro “Todo dia a mesma noite – A história não contada da Boate Kiss”, que é objeto desta pesquisa. Resultado de um trabalho de apuração de anos por parte da repórter, que foi cinco vezes à cidade de Santa Maria para entrevistar os envolvidos na tragédia, a obra é repleta de trechos que refletem as discussões feitas nos itens anteriores deste artigo: a relação sujeito-sujeito, dela como repórter com as pessoas envolvidas, colocando-se no lugar delas e elevando suas vozes, de forma aprofundada e sensível; o uso de técnicas literárias para tornar a narrativa envolvente e mais próxima da realidade e, conseqüentemente, a humanização.

No excerto a seguir, por exemplo, ao trazer com detalhes e muito cuidado a história de Carina, mãe que perdeu a filha Thanise na tragédia, Daniela mostra ao leitor como o incêndio na Kiss impactou sobremaneira a vida dos familiares das vítimas, a ponto de fazer com que alguns deles tentassem retirar suas próprias vidas. E tudo isso faz o leitor se sensibilizar com a luta empreendida ainda hoje por esses familiares que, infelizmente é vista por alguns como exagero ou mesmo tentativa de chamar a atenção⁵.

Durante um ano, passou a viver em busca de justiça. Dedicou-se de corpo e alma ao movimento de protesto Santa Maria do Luto à Luta, idealizado pelo pai de Andrielle, Flávio José da Silva. No entanto, tornou-se uma estranha em casa. Afastou-se de Camilly, que sofria com a perda da irmã e a invisibilidade imposta pela mãe. Carina não conseguia aconchegar a filha mais nova porque também precisava de colo. Sem rumo, a mãe de Thanise resolveu tirar a própria vida usando remédios. Foi parar no hospital. Tempos depois, olhou para Camilly e quis matá-la. Pensava que, em seguida, se mataria. Partiu para cima da filha com uma faca, e como não teve coragem de feri-la cortou a si mesma várias vezes com a lâmina. Era sua segunda tentativa de suicídio, e ela foi hospitalizada mais uma vez. (ARBEX, 2018, p. 188-189).

Usando técnicas literárias como descrições minuciosas de cenas e reprodução de diálogos, a partir das entrevistas imersivas (na forma de “diálogos de afeto”, como defende Medina) que fez com os personagens envolvidos na tragédia, Daniela consegue trazer o leitor para o ambiente daquele domingo 27 de janeiro, quando ocorreu o incêndio, fazendo com ele

⁵ Reportagem da Folha de S.Paulo, de 21 de janeiro de 2023, mostra que muitos moradores de Santa Maria criticam os familiares das vítimas por permanecerem fazendo protestos contra o esquecimento da tragédia. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/01/tragedia-da-boate-kiss-completa-10-anos-em-luta-contr-esquecimento.shtml>> . Acesso em: 18 mar. 2023.

consiga se colocar no lugar dos personagens e conectar-se com suas emoções. Isso pode ser detectado no trecho do livro que traz a história do sargento Robson Viegas Müller, então comandante de Socorro do Quartel do Corpo de Bombeiros de Santa Maria, que foi acordado às 3h20 da madrugada com a notícia do incêndio.

Passava das quatro e meia da manhã quando o sargento Muller conseguiu, finalmente, acessar todo o interior da boate. No salão principal, ele contou cerca de dez corpos, e oito nos fundos da Kiss. Apesar da gravidade do caso, sentiu alívio ao imaginar que entre os cerca de 1.100 frequentadores naquela noite - a capacidade máxima era de 769 pessoas - quase todos tinham saído ilesos.

— Sargento, dá uma olhada aqui - chamou um combatente, apontando na direção dos banheiros masculino e feminino, próximos à entrada da boate.

Muller seguiu o colega e foi tomado pelo espanto ao observar a entrada dos toaletes. Para se proteger da fumaça ou achar a saída, que ficara às escuras durante o incêndio, muitos jovens acabaram encurralados nos banheiros, único local onde uma luz de emergência permaneceu acesa. Muitos foram pisoteados. Todos morreram asfixiados. Diante da pilha de corpos, o sargento sentiu as forças de seus braços esvaírem. Percebeu que homens e mulheres haviam morrido entrelaçados uns aos outros, caídos entre as portas arrancadas dos sanitários individuais na tentativa alucinada de buscar ar na janela do basculante - que também estava lacrada. Nenhum treinamento o havia preparado para lidar com a dor que sentiu no momento em que se viu tomado pelos mais humanos dos sentimentos: a compaixão.

— Nós não salvamos ninguém - repetia em choque- Não salvamos ninguém (ARBEX, 2018 p.30).

Ainda na mesma linha, de através de cenas detalhadas (captadas por intermédio de entrevistas sensíveis, em uma relação sujeito-sujeito e não sujeito-objeto), ativar a conexão do leitor com o fato, fazendo este se solidarizar com as situações vividas pelos personagens, vale destacar o trecho em que Daniela conta o que Liliane Espinosa de Mello Norberto Duarte, capitã que estava de sobreaviso no Hospital da Brigada Militar de Santa Maria naquela madrugada, encontrou ao adentrar a boate:

A capitã da brigada caminhou pela Kiss atordoada não só com o que viu, mas com o barulho dos celulares das vítimas. Os aparelhos tocavam juntos e cada telefone tinha um som diferente. Muitos tocavam conhecidas músicas sertanejas, outros, forró e até o repertório tradicional gaúcho. Na maioria dos casos, porém, o visor indicava a mesma legenda: “mãe”, “mamãe”, “vó”, “casa”, “pai”, “mana”. Aquela sinfonia da tragédia era tão insuportável quanto a cena que Liliane presenciava. Como lidar com um evento dessa proporção? (ARBEX, 2018, p 34-35).

Ao não reconhecer o Outro, limitando-se a dar informações superficiais sobre ele, como Ijuim ressalta, o jornalista pode desumanizar a reportagem. Na linha inversamente oposta, Daniela Arbex, em seu livro, faz questão de mostrar de forma imersiva toda a história do Outro, levantando seu nome, sobrenome, profissão, idade, personalidade e sonhos. Assim o leitor consegue compreender quem é cada personagem, seu jeito de ser e seus sentimentos, evitando generalizações e julgamentos. Pode-se perceber isso em diversos momentos do livro, como no trecho a seguir em que a jornalista descreve o personagem Paulo, pai de uma

das vítimas, que acaba se descontrolando, perdendo seu jeito de ser racional e equilibrado, ao saber da morte do filho Rafael.

O especialista em tecnologia da informação Paulo Tadeu Nunes de Carvalho, 62 anos, e a professora de Educação Física Fátima Carvalho, 59, desembarcaram em Porto Alegre às cinco e meia da tarde de domingo. (...) Três dias antes, o casal havia se despedido do filho mais novo no mesmo Aeroporto e Guarulhos. (...) Seus pais o levaram ao portão de embarque, permanecendo ao lado dele até a chamada do voo. Após um longo abraço, viram Rafael ir embora e acenar, sorrindo, do outro lado da porta de vidro. (...) Acostumado ao raciocínio lógico que o guiava em uma vida inteira dedicada ao trabalho com informática, Paulo viu todas as suas certezas desmoronarem quando foi avisado pelo comerciante Ananias Ávila da Silveira, 53 anos, pai de Natália, que a boate em que estavam Rafael, a filha dele, Felipe e mais uma amiga, Sibebe Scaramussa, 27 anos, se incendiara na madrugada daquele domingo. (...) (ARBEX, 2018, p. 125-127).

Vale ressaltar que os nomes das 242 vítimas da tragédia foram mencionados, de forma completa, na contracapa do livro, em ordem alfabética, de forma que nenhum dos mortos (mesmo aqueles que não tiveram sua trajetória detalhada na obra) foi esquecido.

No que diz respeito à preocupação em mostrar a complexidade do acontecimento, para além das aparências, procurando oferecer todos os ângulos da história, podemos destacar o fato de a jornalista, ao fazer o livro, ter procurado, para além dos sobreviventes e familiares das vítimas, profissionais dos bombeiros, autoridades e equipes de saúde que atuaram na tragédia. Ao todo, mais de 100 entrevistas foram feitas pela repórter. “Comecei pelos familiares, daí quis ouvir os profissionais de saúde. Descobri que eles nunca tinham falado sobre isso, nem entre eles. E isso me impressionou”, destacou a repórter em uma entrevista concedida em 2018 ao portal G1⁶.

Ainda no aspecto de complexificar o fato, problematizando-o, inclusive relacionando-o a aspectos históricos e técnicos, a partir de uma apuração profunda e responsável, incluindo consulta a fontes bibliográficas e documentais, a jornalista, no capítulo XI do livro-reportagem, chama a tragédia na Kiss de “holocausto dos tempos modernos”, fazendo uma analogia, com as devidas ressalvas, entre a situação vivida pelas vítimas do incêndio na boate com aquela vivida pelos judeus nos campos de concentração do nazismo, no tocante a efeitos no organismo.

Na prática, os frequentadores da Kiss foram envenenados pelo gás letal usado nas câmaras de gás construídas nos campos de concentração nazistas, entre eles Auschwitz, na Polônia, durante a Segunda Guerra Mundial. A associação do cianeto com monóxido de carbono potencializou o efeito do envenenamento, que resultou em alteração do estado mental dos frequentadores da boate, perda da consciência, colapso cardiovascular seguido por choque, edema pulmonar e morte, conforme dados obtidos no livro Protocolos de atendimento às vítimas da boate Kiss, lançado pelo Hospital Universitário de Santa Maria. (ARBEX, 2018, p. 163).

⁶ Disponível em: < <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/escritora-premiada-daniela-arbex-lanca-o-livro-todo-dia-a-mesma-noite-sobre-a-tragedia-da-kiss.ghtml> >. Acesso em: 4 out. 2022.

Assim, Daniela, com seu trabalho jornalístico, mostra que o incêndio foi criminoso e que não foi só pela queimadura que as vítimas morreram, mas por envenenamento, por isso muitas, mesmo conseguindo sair bem da boate, faleceram em momentos posteriores ou mesmo dias depois da tragédia. Uma apuração superficial poderia relacionar as mortes apenas à questão das queimaduras propriamente ditas.

Além disso, Daniela se aprofunda nos aspectos legais e sociais que contribuíram para o trágico desfecho na boate Kiss. A autora investiga minuciosamente os diferentes fatores que culminaram no incêndio e na perda de tantas vidas. Ela explora questões como a negligência das autoridades, a precariedade das condições de segurança, as falhas no sistema de fiscalização e os desdobramentos judiciais que se seguiram. Esse aprofundamento do fato oferece aos leitores uma compreensão mais completa e detalhada do ocorrido, incentivando a reflexão sobre as falhas do sistema e a necessidade de mudanças.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como destaca Edvaldo Pereira Lima (1993, p. 12), na medida em que certos temas importantes não têm no jornalismo convencional a atenção que merecem e “que profissionais mais criativos e inquietos sentem-se tolhidos no seu potencial, por causa do esquema rigidamente industrial”, o livro-reportagem é buscado como alternativa para contar histórias de maneira aprofundada, poética e sensível, ou seja, para se praticar o que Medina chama de um “diálogo de afetos” ou o que Ijuim classifica como sendo um “jornalismo humanizado”.

Essa forma de fazer jornalismo, que em nenhum momento prescinde da responsabilidade com as técnicas de apuração e cruzamento das informações (muito pelo contrário, envolve, como fez Daniela Arbex em seu livro, dezenas de entrevistas de profundidade com diferentes personagens envolvidos no fato, muita pesquisa de campo e consulta a fontes de todas as naturezas, incluindo as documentais), é cada vez mais essencial no cenário contemporâneo marcado pela circulação de informações rápidas e fragmentadas por múltiplas plataformas de mídia, com o leitor sentindo-se muitas vezes perdido, sem saber onde dedicar sua atenção, e sem conhecer a essência e as histórias de vida que estão por trás de números e informações superficialmente noticiadas.

O livro-reportagem é uma mídia que combina os princípios do jornalismo investigativo com as técnicas narrativas da literatura. Essa combinação cria uma abordagem única e valiosa para contar histórias de forma complexa e aprofundada. Ele busca a verdade, a compreensão e a informação precisa, em vez de apenas a atenção momentânea. Portanto, desempenha um papel crucial na preservação da integridade jornalística e na promoção de uma compreensão mais rica do mundo ao nosso redor.

No caso do livro "Todo Dia a Mesma Noite", a humanização dos personagens e o aprofundamento dos fatos é evidente em muitas páginas, podendo ser reconhecida em todos os capítulos da obra. Neste artigo, por questões de espaço, mencionamos apenas alguns dos trechos que exemplificam esses aspectos.

A jornalista Daniela Arbex mergulha nas vidas das vítimas, destacando suas personalidades, sonhos e angústias. Essa humanização é fundamental para que os leitores possam se conectar emocionalmente com a história e compreender a profundidade do sofrimento causado pelo desastre. Uma das conquistas mais notáveis do livro-reportagem de Daniela é a maneira como ele transcende a mera exposição dos eventos para explorar as complexidades humanas que cercam a tragédia. Ao elevar a voz das famílias das vítimas, dos sobreviventes e outros envolvidos, a autora não apenas presta um tributo respeitoso às vidas perdidas, mas reforça a importância de compreender o impacto humano por trás das estatísticas.

A empatia despertada pela leitura não só engaja emocionalmente os leitores, mas os motiva a se envolverem em questões importantes discutidas no livro. Ao término da obra, os leitores são convidados a refletir sobre o evento em si, mas também sobre as falhas sistêmicas que permitiram que algo assim acontecesse. A humanização das vítimas ao longo da narrativa cria um impacto emocional duradouro, enquanto o aprofundamento dos fatos incita a busca por justiça e transformação. A jornalista deixa claro que as tragédias não podem ser esquecidas e negligenciadas, e que é necessário aprender com elas para evitar que se repitam no futuro. Há um compromisso da autora com a verdade e a justiça, respeitando o código de ética da profissão de jornalista. No Capítulo II, o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros diz que é dever do jornalista “ter compromisso com a verdade no relato dos fatos, razão pela qual ele deve pautar seu trabalho pela precisa apuração e pela sua correta divulgação” e “defender os direitos do cidadão, contribuindo para a promoção das garantias individuais e coletivas”. Daniela ilumina os erros e negligências que levaram à tragédia da Kiss, incentivando a responsabilização e o clamor por reformas. Assim, o livro-reportagem se torna uma voz que exige mudanças e prestação de contas.

No prefácio da obra de Daniela, o jornalista Marcelo Canellas, então repórter especial da TV Globo (e que como a jornalista costuma focar seu trabalho em pautas relacionadas a direitos humanos), compara a tragédia na boate Kiss à história da Guerra de Tróia, que aparece na *Ilíada* (epopeia que é grande referência na literatura ocidental), para destacar como a repórter oferece em seu livro um apanhado de memórias afetivas, que é símbolo de humanização no jornalismo.

Tomado pela ira e pela vingança, Aquiles, o herói da epopeia, assassina Heitor, príncipe de Tróia, e prende seu corpo a um veículo tocado a cavalos, arrastando-o até a beira da cidade. Príamo, o rei de Tróia, tomado por uma imensa dor que se sobrepõe ao seu orgulho

e vaidade, vai até a Aquiles solicitar o corpo do filho Heitor, para poder fazer uma cerimônia de despedida digna. Canellas destaca que Príamo, naquela situação, não era apenas um governante, mas um pai, e que tal fato gera a empatia de Aquiles e também do leitor da *Ilíada*.

Quando encontra o assassino de seu filho, o velho rei se ajoelha diante do inimigo e suplica “Dá-me Heitor de volta, Aquiles! Pensa no teu pai, que deve te amar como amei meu filho”. O pranto de Príamo, de fato, faz Aquiles lembrar-se de seu pai, o velho Peleu, que ficara na Grécia e que jamais tornaria a ver. Comovidos os dois se abraçam e choram juntos, não mais como inimigos, mas como representantes de todos os pais que não verão mais seus filhos e de todos os filhos que não verão mais seus pais. (CANELLAS apud ARBEX, 2018, p. 11).

Assim também o livro-reportagem de Daniela Arbex, ao desnudar, de maneira profunda, os sentimentos de perda de tantos pais, irmãos e amigos, faz com que o leitor possa pensar nas perdas que teve e que ainda pode ter, e em como é importante se colocar no lugar do Outro.

4. REFERÊNCIAS

ABRAMO, P. **Padrões de manipulação na grande imprensa**. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2004.

ARBEX, D. **Todo dia a mesma noite**: a história não contada da boate Kiss. São Paulo: Intrínseca, 2018.

FENAJ. Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros. Brasília: Federação Nacional dos Jornalistas. 2007.

FOLHA DE S. Paulo. **Manual de Redação** – as normas de escrita e conduta do principal jornal do país. São Paulo: Publifolha, 2018.

FONSECA, C. **Tragédia da boate Kiss completa 10 anos em luta contra esquecimento**. Folha de S.Paulo. 21 jan. 2023. Disponível em:<<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/01/tragedia-da-boate-kiss-completa-10-anos-em-luta-contr-esquecimento.shtml>> . Acesso em: 18 mar. 2023.

HUDEC, V. **O que é jornalismo?** São Paulo: Caminho, 1980.

IJUIM, J. **Humanização e desumanização no jornalismo**: algumas saídas. Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - Recife, PE – 2 a 6 set. 2011. Disponível em:<<https://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/CM/article/view/290>>. Acesso em 5 dez. 2022.

_____. **Por que humanizar o jornalismo (?)**. Verso e Reverso, 31(78):235-243, setembro-dezembro 2017. Disponível em:<<https://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/ver.2017.31.78.07>>. Acesso em: 13 de nov. 2022.

_____. **Sobre o jornalismo Humanizado**. Revista Alterjor, Ano 07, V. 01, Ed. 13, jan-jun. 2016. Disponível em:< <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/114108>>. Acesso em: 10 out. 2022.

_____. **Jornalismo e Humanização:** heranças eurocêntricas no pensar e no fazer jornalísticos. In: Revista Extraprensa. 10 aug. 2020. Disponível em: < <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/159921/162829> >. Acesso em: 28 set. 2022.

JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. **Dicionário básico de filosofia.** Rio de Janeiro, J.Zahar, 1996.

LIMA, E. **O que é livro-reportagem?** São Paulo: Brasiliense, 1993.

_____. **Páginas Ampliadas:** O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Barueri: Manole, 2009.

_____. **Jornalismo literário para iniciantes.** São Paulo: EDUSP, 2014.

LOPES, J. **Escritora premiada, Daniela Arbex lança o livro 'Todo dia a mesma noite', sobre a tragédia da Kiss.** Folha de S.Paulo. 25 jan. 2018. Disponível em:< <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/escritora-premiada-daniela-arbex-lanca-o-livro-todo-dia-a-mesma-noite-sobre-a-tragedia-da-kiss.ghtml>>. Acesso em: 4 out. 2022.

MEDINA, C. **O diálogo possível.** São Paulo: Ática, 1986.

_____. **Ciência e Jornalismo:** da herança positivista ao diálogo dos afetos. São Paulo: Summus, 2008.

CONTATOS

kathlleent12@gmail.com e patricia.marcos@mackenzie.br